

Coimbra evoca os 50 anos da "Presença"

... "Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida e que, por isso mesmo, passa a viver de vida própria" (JOSE RÉGIO)

Rocha Dinis

A Coimbra de hoje é profundamente diferente da Coimbra de ontem. Os «bulldozers», que esventraram a Alta da cidade e ergueram os arranha-céus, devassaram a criativa intimidade do Paço das Escolas. Onde os homens não foram capazes de construir uma cidade universitária a escala necessária, delapidaram seguramente um valiosíssimo conjunto arquitetónico histórico, único no Mundo.

Os estudantes não moram já em «repúblicas», não fazem serenatas nas escadas da Sé Velha, não se deitam ao badalar da «cabra», nem se juntam em tertúlias pelos cafés; mas o amor à cultura e o carinho às artes, esses mantêm-se perenes, agora acentuados por uma nova realidade política e social, que se espera venha a dinamizar a actual juventude.

Entraçando no passado a sua constante busca de um melhor futuro, a cidade do Mondego vai ser palco, durante este mês, das comemorações do cinquentenário da «Presença», o «último dos grandes movimentos culturais de Coimbra», nas palavras de João Gaspar Simões, ouvido pelo «DN».

A «Presença» foi um movimento de vanguarda estético

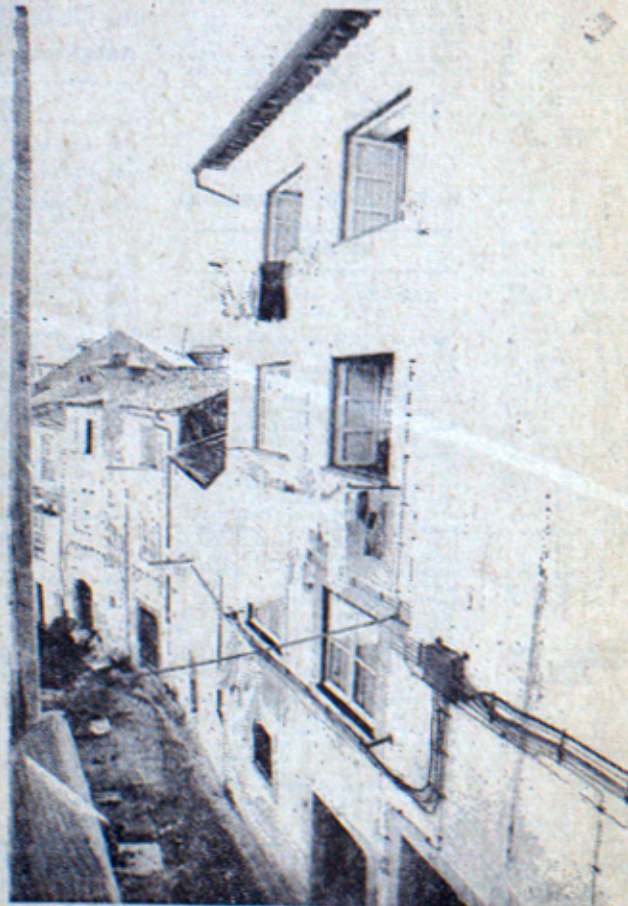
A 10 de Março de 1927, a «Presença» nasce em papel de embrulho, com beco no número trinta e sete da Rua das Flores, substituída como «folha de Arte e Crítica», e concebida por José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, que se conservariam na direcção da revista durante os treze anos da sua vida com excepção do último que, em 1939, se afastou, conjuntamente com os então colaboradores Miguel Torga e Edmundo Bettencourt, passando então Casais Monteiro a participar da direcção daquele órgão.

Nas suas intenções, o movimento presencista aderiu à revolução modernista, que se opunha ao academismo das artes portuguesas de então, bem expresso no arrojo da concepção gráfica verdadeiramente inovadora, e nos conceitos que concludentemente afirmava.

José Régio, logo na primeira página do número inicial, expunha as suas concepções de uma literatura viva, porque humana, original e sincera, em oposição à prosa repolvida e daninha, uma aventura literária estéril, travada dentro dos limites do dicionário e da gramática, como realçou Magalhães Gonçalves em recente trabalho.

«Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida e que por isso mesmo passa a viver de vida própria», assim concebia José Régio o documento humano, «superiormente pessoal a ponto de ser colectivo» que constituía, segundo ele, a Literatura como forma de Arte. E para que não restassem dúvidas, José Régio enumerava facetas «concretas»: «é por isso que os autos de Gil Vicente são entusiasmamente vivos e as comédias de Sá de Miranda irremediavelmente mortas; que todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto; que os sonetos de Camões são maravilhosos e os de António Ferreira maçadores; que um pequeno prefácio de Fernando Pessoa diz mais que um grande artigo de Fidelino de Figueiredo; que há mais força íntima em catro versos de Antero, que num poemeto de Junqueiro; e que é mais belo um adágio popular, do que uma frase de literatos».

O movimento presencista, através do seu principal mentor, definia assim a literatura



como fruto de uma personalidade que tem necessariamente de possuir originalidade e sinceridade, mas também Gaspar Simões insistia especialmente, a partir do quarto número, na importância da «região mais profunda, inocente e virginal de cada homem».

É certo que os autores presencistas aparecem, de certo modo, deslocados dos condicionamentos espaço-temporais em que vivem, e por isso, a «Presença» tem sido muitas vezes apontada de «movimento contemplativo do próprio umbigo».

Na verdade, surgindo no segundo ano da auto-intitulada Revolução Nacional, numa altura em que a ditadura salazarista se aliava às forças mais reacionárias com o intuito de poder na Europa, a «Presença» aparecia como movimento puramente «estético», numa concepção tipicamente humanista em que a realidade aparecia mediada pelo homem.

E, aliás, por discordância com esta concepção, que Miguel Torga, em Junho de 1930, se afastaria, depois de uma troca epistolar que, longe de abater o movimento, antes o enriqueceu na variedade de perspectivas.

Miguel Torga, o escritor-médico transmontano que quando devia estar a ler os clássicos, andava a capinar café, encontrava-se, pelo seu nascimento e sequente vivência, naturalmente afastado dos seus camaradas presencistas, que mais tarde analisou no terceiro dia

da «Criação do Mundo»: como «bons companheiros, quase todos, tinham os defeitos das próprias virtudes. Intellectuais da cabeça aos pés, mal tocavam a realidade (...) A consciência de serem únicos distanciava-os do vulgo, tornando-os incapazes de um contacto permanente com as forças rasteiras da natureza».

A divulgação da nova literatura europeia

Hoje, no entanto, a distância de cinquenta anos, apesar das limitações que se lhe reconhecem, a «Presença» é, sem dúvida, um marco importante no campo cultural deste País que éramos e somos.

Por um lado, porque, especialmente pela pena de João Gaspar Simões, divulgou a literatura francesa do período de entre as duas guerras, uma literatura que, segundo aquele ilustre crítico «representava a mais definida expressão da sensibilidade literária da primeira metade do século vinte». E assim que nomes como André Gide, Marcel Proust, Jean Cocteau ou o próprio Paul Valéry vêm as suas obras analisadas para um público des-

conhecido dos novos rumos da literatura europeia.

Por outro lado, porque as páginas de doutrina e crítica da «Presença» projectam e vulgarizam nomes do movimento Orpheu, como Almada Negreiros ou Fernando Pessoa, artistas de extraordinário valor, mas a quem a «intelligentia» portuguesa da época considerava um pouco lunáticos e quase votava ao desprezo.

Finalmente, a acção do movimento presencista foi extremamente importante na descoberta da nova valores nos mais diversos sectores artísticos, desde o já citado Miguel Torga, ainda estudante de Medicina, Vitorino Nemésio, mais como poeta que como prosador, Fernando Lopes Graça, que assumiu um extraordinário momento com os seus escritos sobre música moderna, Fernando Namora, Carlos Queiroz, Pedro Homem de Melo, Aleixo Ribeiro ou José Cochofel, nomes de significativa heterogeneidade ideológica e mesmo estética.

A «Presença» revelava-se assim aberta a todas as manifestações artísticas de qualidade, qualidade que, no seu entender, era em arte e literatura coincidente com a expressão superior do homem.

Entretanto, em Junho de 1940, uma polémica sobre o formato da revista, em que se pretendia convertê-la em bi-fólio, provocava a sua morte. Como mais tarde afirmou João Gaspar Simões, «o carácter original da «Presença», quando o seu formato se mantinha entre o tipo de jornal académico e da folha volante, perdia agora a sua razão de ser. A verdade é que o bi-fólio obrigava a uma composição menos boémia e a um apuro mais convencional. Os a «Presença» se integrava no mundo dos adidos ou corria o risco de se apresentar de bibe, quando já não tinha idade para atitudes de bebé».

O cinquentenário da «Presença» comemora-se este mês

Com o apoio da secretária de Estado da Cultura, a cidade de Coimbra vai poder verificar o valor do movimento presencista, através de um conjunto de realizações.

No Museu Machado de Castro, onde decorre uma grande exposição evocativa do cinquentenário da publicação da Revista, a reportagem do «DN» tomou contacto com os preparativos aí realizados, necessários, no entender do director daquele Museu, dr. Adriano Guimarães, «porque Coimbra tem uma grande falta de espaço para exposições. Este salão do Museu Machado de Castro é o mais amplo da cidade, mas para uma tão grande exposição como esta vão ser necessárias adaptações de circunstância e mesmo o uso das salas laterais».

Al contactámos também o dr. João Gaspar Simões, único dos fundadores da «Presença» vivo, e que foi nomeado pela secretária de Estado da Cultura como comissário para a realização destas comemorações. Sobre o alcance desta realização, disse-nos Gaspar Simões que «a «Presença» foi o último dos grandes movimentos culturais de Coimbra e acho, por isso, muito justamente escolhida esta cidade para palco das comemorações, que deverão dar ao grande público, que ignora a «Presença», a importância do seu papel na cultura portuguesa».

«As comemorações abrangem diversos ti-

(Continua na pág. 19)



Um texto inédito de José Marinho

Se falas do único necessário, de que falas tu? Outrora todo o interrogar, outrora deuses, te era cura. E do interrogar fazias depender não só toda a filosofia, mas toda a sobrevivência que ao homem fosse dado alcançar. Agora já para pensar o mesmo te orientas diversamente. Pois interrogar o teu tu como precisas, mas o outro do interrogar te é preciso também. E esse outro, como dize-lo? Designa-lo-ás como fé? E dize-lo com o interrogar ou fora dele? Está antes ou esteve antes de ti? Dize-lo todo o contrário do interrogar? Que sentido, porém, no último pensar do pensamento para si mesmo podes tu entender por «todo o contrário»? Designa-lo-ás como fé? Dize-lo também no teu corpo? Confiarás não só na forma estranha que a fé e na crença se comprometem a perseguir do seu ser e sua verdade. E então volta atrás e torna-se não todo o caminho iniciado do teu íntimo afirmativo.

O que o interrogar te tornou suspeito foi o movimento. O interrogar foi além do que estás para outro além, da tua mente estúpida para uma relação dinâmica com a verdade e a real realidade de tudo. Corres assim o risco de desatender o mais estético. E o mais estético é o estético, de que proven o movimento e é o estético a que todo o movimento vive e o outro o mesmo estético em cujo ser o movimento e o ser do movimento têm do Nada genético ao precário ser que se recusa.



desenho de arlindo vicente

Presencista voltam a publicar

Cinquenta anos depois, a «Presença» volta a surgir, lembrando os anos de glória, e morrendo de novo: trata-se apenas de um número destinado a acompanhar as comemorações do cinquentenário

Cinquenta anos depois, a «Presença» volta a surgir. A «folha de arte e crítica» que, durante treze anos, agitou o panorama cultural português, reaparece nos estantes, embora, desta vez, venha apenas lembrar os anos de glória e morrer de novo.

Trata-se, em suma, de um número apenas destinado a acompanhar as comemorações do cinquentenário. O «número único» comemorativo, lançado esta semana no mercado, tem como directores os escritores João Gaspar Simões e Alberto de

Serpa, Carvalho Branco, director da Brasília Editora, figura como responsável da publicação, que conta com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura. Nesta «Presença», incluem-se os textos inéditos de colaboradores das suas primeiras séries

que se encontravam nos arquivos da direcção. Estão neste caso, e no caso da colaboração inédita e proposta para este número: Namora, António de Navarro, Gaspar Simões, Luís Cardoso, Raúl Leal, Afonso Duarte, Mário de Sá Carmel-

ro, José Bensaúde (pseudónimo de José Régio), José Marinho, Olavo d'Eça Leal (desenho e poema em francês), Alberto de Serpa, Fernando Pessoa (que também colabora com o heterónimo de Álvaro de Campos, assinando um poema em in-

glês), Fausto José, Branquinho da Fonseca, Carlos Queiroz, Joaquim Magalhães, Saul Dias (que também colabora com o seu pseudónimo para a pintura, Júlio, assinando o desenho da capa), Ott Vaz, João José Cochofel, Vitorino Nemésio,

Charles David Ley, Pedro Homem de Melo, António Botto, Alexandre de Aragão, Guilherme de Castilho, Luis de Montalvor, Aleixo Ribeiro, Cecília Meireles e Jorge de Sena (que usou na «folha» o pseudónimo de Teles de Abreu).

Simultaneamente ao aparecimento deste número da «Presença», o «Diário de Notícias» publica hoje alguns dos inéditos agora revelados. Ao editor responsável fica a dever-se esta possibilidade que, reconhecidamente, agradecemos.



Sono

Tenho tal sono que pensar é um mal.
Tenho sono. Dormir é ser igual.
No homem, ao despertar do animal.

E viver fundo nesse inconsciente
Com que à tona da vida o animal sente.
É ser meu ser profundo alheamente.

Tenho sono talvez porque toquei
Onde sinto o animal que abandonei.
E o sono é uma lembrança que encontrei.

FERNANDO PESSOA



Soneto

Essa mulher que passa e ninguém vê
No seu olhar a fé e o desalento
De quem vai na ilusão de um sentimento
Em busca da verdade e nela crê.

Essa que é triste, apenas à mercê
Das ondas do seu próprio sofrimento,
— Porque a desejam só por um momento
Desses que a vida tem nem sei porque;

Num beijo de alma desejou ser mãe:
Quis um lar com amor, e no desdém
Dos homens acha os ecos do seu pranto;

— Cheia de sonho, enorme, e abandonada,
Morre, por fim, sem conseguir mais nada...
Essa mulher é a mulher que eu canto.

ANTONIO BOTTO



Fragmento do poema
«Episódios de Ausências»

Vem e explica-se. E eu vejo os mapas da vida: imensos
[volúveis mapas.
E os viajantes subindo e descendo caminhos, aparente-
[mente procurados.
E a claridade das viagens em que, no entanto, se naufraga
E a exclamação de chegada a territórios que se pensou
[do espontâneo sonho,
e aonde apenas a morte convocara,
para súbita audiência.

E vejo os passos marcados na terra, germinando uma
[inútil saudade.
— inútil, porque os tufões se precipitam com as suas
[foices,
— inútil, porque é preciso que estejam sempre dis-
[poníveis,
a terra, a lembrança, e todos os espaços do mundo e
[do homem
para a circulação de certos acontecimentos.

Não faz mal que te inclines para outra face. E que,
[ainda amorosa, te espere.
E que a palavra que hoje tivesse desejado
resvale um pouco mais longe — apenas um pouco mais
[longe — do meu ouvido:
— noutro ouvido.

CECILIA MEIRELES



Poema

Venham os nomes tibios.
O vagar delgado e glúteo dos fonemas.
Coroar delfins de sangue e sal — anfíbios
Sistemas de palavras: os poemas.

E desçam do alto ozono carbogaseos
Conglomerados de significação
A coroar-te. Leda estêrea. Trazes-os
Tu mesma à doce fala e à imaginação.

De topázios não falo, que carregam
Teus dedos nus de rápidas cintilas.
Nem dos amino-ácidos que os regam

Nem da feliz artrose do teu ombro
No beijo de saliva que titilas
Ao cisne branco, todo pluma e asombro.

VITORINO NEMÉSIO